

# TRABALHO, ALIMENTAÇÃO E NATUREZA: A NOÇÃO DE GAÚCHO NA OBRA *HISTÓRIA DA REPÚBLICA RIO-GRANDENSE*, DE ASSIS BRASIL

JUSSEMAR WEISS\*

## RESUMO

O que pretendo neste artigo é mostrar como na obra *História da República Rio-Grandense*, de Assis Brasil, é caracterizado o gaúcho. Para isso farei em um primeiro momento uma exposição explicativa sobre Assis Brasil e seu papel intelectual na aurora republicana. Em seguida situarei em sua vida intelectual a obra objeto deste artigo. Após essa explicação procurarei mostrar como no dito livro, no capítulo dedicado às causas da revolução, se dá a construção de um tipo psicológico que o autor nomeia de gaúcho. Esse tipo psicológico se afirma como síntese das melhores virtudes do sul-rio-grandense.

**PALAVRAS-CHAVE:** gaúcho, história, natureza, República, moral, política, cultura

## O HOMEM, A OBRA: ASSIS BRASIL NO CONTEXTO POLÍTICO DE SUA ÉPOCA

A atuação de Assis Brasil<sup>1</sup> estendeu-se por períodos da história

---

\* Professor do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, no Curso de História – FURG; doutor em Educação – UFRGS. E-mail: jweiss@plug-in.com.br.

<sup>1</sup> Joaquim Francisco de Assis Brasil nasceu em 1857, na cidade São Gabriel, na estância de São Gonçalo, hoje pertencente ao município de Cacequi. Filho de estancieiro, foi encaminhado aos estudos na Faculdade de Direito de São Paulo. Neste período, 1878, a faculdade de Direito era o foco dos ideais liberais. É durante o curso de Direito que ele desabrocha para a política. Com seu espírito aberto, dinâmico e de liderança intelectual, ele se faz notar entre seus colegas rio-grandenses que lá estudavam, pela defesa de uma nova posição de seu Estado: ele queria um Estado não subordinado aos interesses do centro do país. Enquanto estudante, ele participa da fundação do Clube Republicano de Porto Alegre, em 29 de junho de 1878. Ao lado de outros alunos da faculdade oriundos como ele do sul do país – Júlio de Castilhos, Barros Cassal, Antão de Faria, luta contra o tratamento desigual que a política imperial impunha ao Rio Grande do Sul e a outras Províncias. Defendia um ideal federativo como organização capaz de manter a unidade deste grande país. Como se pode observar, Assis Brasil é um republicano de primeira hora, e leva a partir de 1882 uma luta política a favor da república. Funda, juntamente com Júlio de Castilhos, o jornal *A Evolução*, em São Paulo, cujos objetivos eram: defender a democracia e propagar a república e a federação. O jornal não tinha apenas objetivos

brasileira e sul-rio-grandense marcados por profundas mudanças na estrutura política do país. A criação do Clube Republicano, o fim do Império, entre outros acontecimentos, encontram em Assis um lutador das novas causas que levavam a elite do momento a um embate com o modelo político então existente.

O contexto político e social do Brasil no início do último quartel do século XIX definia-se como um quadro de final de época e anunciador de novos tempos. A monarquia era considerada um anacronismo. Os ministérios se sucediam, mostravam-se fracos ou incapazes, ou sem iniciativas para atender às necessidades de reformas que, a cada dia, se tornavam mais e mais necessárias e urgentes<sup>2</sup>. É sempre difícil concretizar reformas políticas ou sociais, pois atacam interesses, ferem direitos que parecem ter a sanção dos tempos, encontram resistências, exigem coragem e sacrifícios. A divergência nas propostas para o enfrentamento dos sintomas evidentes de decadência monárquica era revelada na instabilidade do regime: “o fato é que, nos nove anos que vão de 1880 à queda da monarquia, estiveram presentes no poder dez governos, representando pontos de vista diversos ou opostos. Nos mesmos nove anos sucederam-se quatro legislaturas”<sup>3</sup>.

A proposta que os republicanos apresentaram ao Brasil teve em Assis Brasil um entusiasta intelectual de primeira grandeza, sempre pronto a esclarecer os pontos do programa republicano por meio de uma contínua exposição de princípios. Nesse cenário em formação no qual se desenrolaria o drama republicano, o autor marcou presença pela defesa sem trégua de uma ordem política democrática, progressista e renovadora. Havia a necessidade de uma república democrática, capaz de propiciar o bem-estar não de uma classe somente, mas de todas; de um regime que não reduzisse ao máximo as necessidades de um povo, mas que satisfizesse as que legitimamente são almejadas pelo corpo, pelo espírito e coração das gentes. Joaquim Francisco defendia a distribuição de renda, o direito à saúde para todos, o uso adequado da terra, educação humanística e técnico-profissional. Nesse período de profundas mudanças, nosso autor marcou presença por uma defesa das

---

políticos, mas queria também ser um centro de estudos que visasse a preparar a juventude para o futuro. Mas não foi a república o único interesse desse homem. Suas preocupações intelectuais abrangiam a agricultura, a pecuária, etc. Assis Brasil dedicou-se à diplomacia a partir dos anos 90 do século XIX até a primeira década do século XX. Faleceu em seu castelo de Pedras Altas, no Rio Grande do Sul, em 1938.

<sup>2</sup> ROCHA, Artheniza. O intelectual, o político e o doutrinador. In: ROCHA, Artheniza et al. *J. F. de Assis Brasil: interpretações*. Santa Maria. Ed. UFSM, 1995. p. 13.

<sup>3</sup> HOLANDA, Sergio Buarque. *História da civilização brasileira*. São Paulo: Difel, 1972. t. 2. p. 350.

teses liberais, cuja colocação em prática parecia impossível mesmo para os liberais, no Brasil de então. Ele não esquece a sua terra, o Rio Grande do Sul, cujos problemas não eram menores. A urgência de uma administração que conciliasse as tensões e as contradições da província – de um lado a formação fundiária e oligárquica desgostosa com os serviços governamentais, e de outro, novos segmentos sociais, descompromissados com o sistema e pregando a república e a federação.

Apesar de serem proclamadas a República e a Federação, estas não responderam de forma adequada às expectativas e se dividiram as opiniões e as convicções, não apenas no Partido Republicano, mas na própria sociedade.

J. F. soube compreender o momento e se tornou um intelectual que rompeu o círculo da ideologia partidária para propor princípios que resguardassem a própria República de seus coveiros. Tinha um projeto de sociedade claro, realista e progressista. Naquele mundo de liberais e de escravistas que encenavam o drama republicano, ele manteve-se fiel aos princípios liberais, mesmo quando isso significou colocar-se na oposição a seus velhos camaradas de partido, principalmente aqueles pertencentes ao grupo positivista que lideravam a luta republicana no Rio Grande do Sul.

A relação de Assis Brasil com os positivistas gaúchos é uma página que deve ser mais bem compreendida no interior do livro republicano tanto no Brasil como no Rio Grande do Sul.

Assis não abraçava a ideologia positivista que atingiu toda uma geração de jovens brasileiros, militares, políticos, administradores. Esses jovens acreditavam que a saída para o país se constituiria a partir de uma perspectiva autoritária-tecnocientífica, cuja síntese eles encontram no positivismo contiano. Exaltando a ordem, a obediência ao chefe e o caráter salvador do progresso, os positivistas constituíram no nascimento da república um grupo que tinha um objetivo, um fim em meio à confusão política na qual os liberais do Império não sabiam como agir. Essa aceitação por parte da elite ilustrada do positivismo pode ser explicada pela forma como o ato político é visto por essa doutrina. É a ciência e não a política a estrela-guia da sociedade, por isso a importância de chefes que saibam fazer, implementar uma ordem. Em uma sociedade marcadamente autoritário-patriarcal, na qual os direitos liberais são rejeitados por serem demasiados, nota-se, assim, com clareza a aceitação dessa elite por esses ideais positivistas. Assis Brasil não podia recusar o liberalismo, que para ele significa a oposição à situação imperial de injúria ao Rio Grande do Sul; mais do que isso, ele considerava a democracia e a evolução das instituições como os

verdadeiros sustentáculos do Estado. Ele era um autêntico liberal. Ele percebia que a república dos positivistas caminharia em sentido oposto à proposta liberal. O Brasil rejeitou, portanto, o republicanismo ditatorial e o centralismo inspirado em uma ortodoxia positivista. Se no contexto nacional ele não aceitava a pregação política centralista do positivismo, no Estado aconteceu o mesmo. O modelo autoritário foi institucionalizado no Rio Grande do Sul<sup>4</sup>. Assis Brasil tomou posição independente e duradoura, e gerou em torno de sua pregação liberal progressista uma oposição forte capaz de na década de 20 ousar enfrentar os positivistas que governavam o Rio Grande do Sul havia mais de 20 anos.

Assis Brasil constituiu um perfil bem particular no interior do pensamento republicano tanto gaúcho como brasileiro, já que se manteve sempre ligado a uma vertente liberal pouco desenvolvida na política da época. Esse perfil o levou a um afastamento gradual de seus companheiros de fundação do Clube Republicano no Rio Grande do Sul.

Assis fazia parte do Clube 20 de Setembro, que era composto por estudantes republicanos rio-grandenses da Faculdade de Direito de São Paulo. Esse clube mandou imprimir, para comemorar o 47.º aniversário da Revolução Farroupilha, a obra *História da República Rio-Grandense*<sup>5</sup>.

O livro, considerado pelo autor como não-acabado, é uma tentativa de continuar estudando a questão da República Federal. Diz o autor: “esta obra é um esforço na direção das idéias que expor e sustentei na *República Federal*”. Foi publicado em 1881, e buscava explicar de um ponto de vista doutrinário as idéias de república e federação. Na época o livro obteve certa aceitação, já que foi o livro de maior tiragem. O Partido Republicano de São Paulo promoveu uma segunda edição, lançada em 1882 com dez mil exemplares, visando à divulgação das idéias de federação e república.

No mesmo ano de 1882, estudantes rio-grandenses da Faculdade de Direito de São Paulo fundam o Clube 20 de Setembro. Formavam essa agremiação J. F. de Assis Brasil, Júlio de Castilhos, Alcides Lima, João Jacinto de Mendonça Júnior, entre outros. Era uma geração desejosa de participar, de intervir na vida política do país, que tinha como interesses comuns a filosofia, a formação semelhante, o patriotismo e o amor ao Rio Grande do Sul. Queriam atuar em acordo

---

<sup>4</sup> Textos como *Ditadura, parlamentarismo e democracia; Assis Brasil aos seus concidadãos*, escritos durante esse debate, revelam bem suas posições.

<sup>5</sup> Utilizei neste artigo a versão fac-similada, editada por Erus, Cia. União de Seguros, Porto Alegre, 1981.

com a visão de mundo que tinham, e lutar por um projeto político e social que tinham elegido como o melhor: a democracia, a república e a federação. Eles escreviam, publicavam, faziam conferências e debates. Reivindicavam para si o glorioso passado farrapo e estavam dispostos a reabilitá-lo. Nasce aí o mito republicano da Revolução Farroupilha.

O clube publica o livro de Assis Brasil intitulado *História da República Rio-Grandense*. Nessa obra, a preocupação é explicar as causas que levaram os gaúchos a constituir uma república independente. Ele pretende explicar a índole dessas causas e fatores de toda ordem, tais como: aspectos físicos, hábitos, tendências, alimentação, indústria, formação pastoril e guerreira, características das relações entre a província e o império.

Diz o autor: “além de historiar os fatos, revelar a índole deles”<sup>6</sup>; também diz: “tudo quanto afirmei é baseado em dados de grande solidez”<sup>7</sup>. Além de construir uma interpretação bastante singular da Revolução Farroupilha, revela seu desejo de produzir uma obra que valha por si, que tenha um sentido sustentado por uma postura científica, articulado por fatos sólidos e por pesquisa bibliográfica. Um jovem autor apaixonado pela causa republicana encontra na epopéia farrapa o lugar mítico para fundar certa vocação republicana do sul-rio-grandense. A partir de uma bibliografia marcadamente idealista-científica com noções de uma visão psicológica da humanidade, Assis Brasil produz um livro que se revela marcado pelo tempo de sua escritura. Renan, Taine, Gibbons, Buckle, entre outros autores, situam a natureza da análise que faz Assis Brasil da revolução de 20 de setembro. Tudo interessa: o clima, a índole, as raças, na definição de uma tipologia sócio-histórica que define a vocação do sul-rio-grandense para uma vida republicana. Como diz o autor na introdução de sua obra, não basta entender o fato, é preciso revelar sua índole, ou seja, revelar o motivo da ação desses homens que na metade do século XIX fizeram a Revolução Farroupilha. Mais preocupado com a polêmica na qual estava inserido, isto é, a defesa de um ideal republicano liberal, do que em historiar a Revolução Farroupilha, nosso autor forja uma versão desse evento que se revela como precursor dos movimentos antimonarquistas e a favor da República no Brasil, como também pretende trazer à tona determinadas características dos habitantes do pampa sul-rio-grandense que os fariam aptos ao exercício da democracia.

Neste ponto ele expõe de forma clara a relação entre uma

---

<sup>6</sup> ASSIS BRASIL, Joaquim Francisco de. *História da República Rio-Grandense*. Porto Alegre: Erus, 1981. p. vii.

<sup>7</sup> Op. cit., p. ix.

tipologia humana e o exercício da política, ou seja, Assis Brasil aceita certa forma de determinismo comum em sua época e nos autores que o embasam. Este determinismo se revela a partir de um relação entre natureza e ser humano. Essa relação amalgama uma vivência, que se mostraria na ação dos homens. Dessa forma o encontro entre o sul-rio-grandense, homem urbano apaziguado e civilizado, e o seu passado, o gaúcho, exporia uma ligação necessária, já que este homem sem padrão, sem lei e livre, marcaria a alma do habitante das cidades e sua vontade política.

Esse tema aparece na introdução, já que esse livro segue uma ordem que vai, podemos dizer, do interior ao exterior, do subjetivo ao objetivo, da natureza à cultura. A partir dessa ordem ele edifica sua obra visando a provar que entre os brasileiros, os sul-rio-grandenses trazem em si uma vocação liberal e democrática.

O livro se divide em: introdução, em que ele explica o motivo da obra – um pedido do Clube 20 de Setembro – e o caráter provisório da escrita. No capítulo I, ele explora as causas da revolução. Mas a construção que o autor faz das causas é uma complexa tessitura, que pode ser dividida em: a relação homem-natureza e homem-cultura. Isso é feito a partir de um estudo do clima, da geografia, das riquezas naturais e, depois, das formas culturais que assumem os grupos humanos no sul do país. Os tipos de produção, a vinculação com o pampa, o estilo de vida, livre e aberto às idéias<sup>8</sup>. As causas não se colocam apenas nos limites da história – por exemplo, os impostos –, mas se prolongam em justificativas nitidamente de cunho subjetivo e psicológico. Nesse capítulo, como veremos em detalhe, a construção do gaúcho exsurge como elemento importante. No capítulo II, ele trata dos movimentos que levaram à eclosão da revolução. No III, aborda especificamente o momento da irrupção, o que desencadeou a insurgência. Bento Manoel merece um capítulo só para ele, o IV, já que é um personagem bastante complexo, de atitudes paradoxais, ora lutando com os farroupilhas, ora com os monarquistas. Os reverses aparecem no V, uma conjunção de motivos militares e políticos que colocaram os farrapos em posição incômoda na luta. Nesse capítulo, nosso autor mostra novamente sua vertente intelectual. Ele mistura dados de documentos, cartas de autoridades, narra ações militares nas quais a coragem e a decisão dos comandantes assumem papel decisivo. Para Assis Brasil, não basta a explicação comum ao historiador do século XX, aquele que vem das fontes, documentos, dados, mas procura a vida dos atores para entender os caminhos que

---

<sup>8</sup> Op. cit., p. 25.

toma o movimento. Nesse capítulo se destaca o Major Lima e Silva, do lado dos revolucionários<sup>9</sup>. A proclamação da República Rio-Grandense é tratada no capítulo VI. Neste, avulta a descrição dos movimentos da batalha do Seival e de outra contenda que durante o mês de setembro marcaram um período de vitórias dos farrapos. Também é ressaltado o valor do gaúcho<sup>10</sup> nas lutas movidas a partir de poucos homens, os “entreveros”<sup>11</sup>, guerrilhas próprias ao estilo de vida dos gaúchos. Os dois últimos capítulos tratam de dois episódios finais não de um ponto cronológico da revolução, mas de uma análise. No livro não existe uma premissa cronológica, mas interpretativa de determinados episódios à luz da hermenêutica do autor, isto é, do seu método histórico. No capítulo que se refere à batalha do Fanfa, o autor faz um relato do conflito e das interpretações que se teciam em sua época sobre a rendição dos farrapos. Nesse episódio, de novo o indivíduo assume uma sobredeterminação nos acontecimentos<sup>12</sup>. A figura ímpar de Bento Gonçalves marca essa derrota, já que, com sua iniciativa, permitiu salvar vidas e prolongar a revolução. No derradeiro capítulo, que se chama Piratini, o autor observa a tenacidade dos generais farrapos, o fervor desses homens, a evidenciar que era unânime e geral, espontâneo e natural o sentimento que os movia<sup>13</sup>. Esse argumento marca como ele interpreta o movimento, como resultado de um determinado tipo humano, de sua subjetividade.

## A QUESTÃO: O GAÚCHO

Para nos aproximarmos dessa questão, devemos voltar ao capítulo que trata das causas da revolução. É nesse momento da escrita do texto que ele tece a alma do sul-rio-grandense.

Nesse capítulo o autor mostra de forma objetiva a natureza dos seus argumentos. Primeiro notamos uma relação comparativa que discrimina e separa pela diferença a raça dos gaúchos e a dos outros brasileiros. Depois, notamos aliada a esta forma de explicar os acontecimentos certa preocupação de construção de um argumento mais científico, pois ele cita documentos, diários, buscando com isso provar seu ponto de vista. É no interior desse tecido que aparece a

---

<sup>9</sup> Op. cit., p. 143.

<sup>10</sup> Op. cit., p. 157.

<sup>11</sup> Sobre o tema das formas de luta que caracterizam a prática do gaúcho, o livro *Los Montoneros* explica como a forma de vida dos gauchos/gaúchos determina sua forma de luta. GUTIÉRREZ, Eduardo. *Los Montoneros*. 2. ed. Buenos Aires: Hachette, 1961.

<sup>12</sup> ASSIS BRASIL, op. cit., p. 178.

<sup>13</sup> Op. cit., p. 183.

palavra *gaúcho*, em situações ligadas a exemplificações de virtude moral e psicológica.

Já na página 19 da introdução o autor enceta um debate com dois autores, buscando determinar o caráter moral dos habitantes dessas paragens: “Fernandes Pinheiro em seus *Annaes da Capitania de São Pedro* atribui influência preponderante nos elementos originários da população rio-grandense ao ‘mau fermento’ que logo lhe entrou na massa consistindo o casco desta enxurra nação de degredadas, de mulheres imorais e banidas”<sup>14</sup>. Nosso autor diz: “esta idéia que deve ser repelida a respeito de todo o Brasil [...] é especialmente falsa quanto ao Rio Grande, onde eles, os imorais e banidos, foram importados em porção insignificante”<sup>15</sup>. Para provar sua versão ele introduz um segundo autor, cujas memórias “rebate[m] com muita vantagem a asserção de Pinheiro”<sup>16</sup>. Esse autor afirma: “tendo vivido 17 anos em Rio Grande, não se recorda de haver encontrado mais do que dois degredados [...] quanto aos costumes, afirma que, bem longe de serem ferinos, ladrões e devassos antes ao contrário eram honrados, probos, honestos, humanos, hospitaleiros e modestos”<sup>17</sup>.

O que Assis Brasil faz é organizar uma explicação que sustente seu ideal revolucionário burguês à francesa, na qual homens íntegros lutam sempre contra as tiranias, e para isso ele procura limpar o passado de toda e qualquer mancha desabonadora.

É nesse contexto que surgem as referências semânticas ao gaúcho, pois o autor busca na vida e na prática desse tipo humano referenciar as qualidades dos sul-rio-grandenses.

Essa relação entre o gaúcho e o sul-rio-grandense republicano aparece primeiramente através de uma mediação climática, já que é a intempérie pela qual passa frequentemente o gaúcho que o faz forte na sua constituição física, mas principalmente em seus atributos morais<sup>18</sup>. “Garibaldi quando fazia a retirada pela serra das antas, [...] os moradores daquelas florestas eram quase todos antipáticos à causa republicana, e principalmente traiçoeiros e covardes”<sup>19</sup>. Já os habitantes

---

<sup>14</sup> Assis Brasil cita dois autores para fazer essa comparação moral sobre os habitantes do sul do Brasil. Ele contrapõe Fernandes Pinheiro que escreveu *Annaes da Capitania de São Pedro*, cujas informações revelam uma formação populacional a partir de uma escória. O outro autor é Antonio José Gonçalves Chaves, cuja obra *Memórias econômico-políticas sobre a administração pública do Brazil* é ainda hoje objeto de estudo e de referência.

<sup>15</sup> ASSIS BRASIL, op. cit., p. 19.

<sup>16</sup> Op. cit., p. 19.

<sup>17</sup> Op. cit., p. 19-20.

<sup>18</sup> Op. cit., p. 24.

<sup>19</sup> Op. cit., p. 24.

do pampa não podem exercer a traição, pois o valor do espírito aumenta à medida que este mais desafogado e livre pode se exercer. O próprio aspecto da natureza “acorda no homem o gérmen, o prurido das inclinações perversas”<sup>20</sup>. “As verdes campinas, o pampa, imensas do Rio Grande pela sua beleza e aspecto, foram uma força impulsora para dar à alma de seus habitantes a têmpera excelente de que ela é feita”<sup>21</sup>. O que se nota em nosso autor é a singularidade dos campos do sul do Estado a conformar um tipo humano especial: nobre, valente, diferente do tipo do norte do Estado, desprezível e covarde que vive em meio ao mato e, portanto, se enredando em um cipoal de covardias e maldades, que os faz incapaz para o exercício da democracia. Não apenas o pampa, onde vive o gaúcho, valente e audaz, mas sua comida é fator de diferenciação na construção do tipo humano próprio à República: “come-se carne, e da melhor, da mais fresca e substancial”<sup>22</sup>. A carne é tão abundante que ricos e pobres comem sem nenhum problema de abastecimento. Além do mais, a carne é barata, embora sendo o melhor gênero de alimento.

Esse alimento é valorizado como específico do sul, do gaúcho que, assim como o mate. O churrasco, típico alimento do gaúcho, e o mate, com suas qualidades digestivas, se completam, já que, como diz Assis Brasil, “um forte vigor expansivo transmite-se ao corpo inteiro, e o pensamento, como toda função, participa da agilidade dos órgãos”<sup>23</sup>. Citando autores franceses e ingleses<sup>24</sup> que defendem os efeitos benéficos e virtuosos da ingestão de carne, ele diz que no Rio Grande a ingestão de carne e o sorver o mate ajudam para constituição de um indivíduo mais livre, com o pensamento mais aberto às novas idéias políticas.

Esta virtude da alimentação, da natureza na construção de um tipo humano mais forte e mais ético, fica mais visível na comparação que Assis faz na página 28 entre o caipira de São Paulo e o gaúcho do sul do país.

O caipira que se alimenta em geral de feijão, farinha de milho e café, apresenta um aspecto valetudinário, tez baça, olhar frouxo e amortecido, é curvo, amarelo, desdentado; o gaúcho é robusto, corado e musculoso, tem o

---

<sup>20</sup> Op. cit., p. 25.

<sup>21</sup> Op. cit., p. 25.

<sup>22</sup> Op. cit., p. 26.

<sup>23</sup> Op. cit., p. 26.

<sup>24</sup> Assis Brasil cita nas páginas 26 e 27 da obra aqui estudada: A. Bain, *O espírito e o corpo*; H. Taine, *História da literatura inglesa*; H. T. Buckle, *História da civilização na Inglaterra*.

olhar irrequieto e penetrante, os dentes são alvos e fortes, reta a espinha, o colo solidamente plantando sobre largos ombros.<sup>25</sup>

O que se nota nessa afirmação de Assis Brasil é uma definição de relações sociais a partir de um pressuposto natural. Para o autor, as qualidades da alimentação influem em sua construção moral. Comer carne, viver em cima de um cavalo campeireando, propicia a quem assim vive condições sócio-morais para aceitar outra forma de governo que não a tirania. Já o coitado do caipira paulista, que se alimenta de cereais e vive sem mobilidade, está fadado a patrocinar uma vida conservadora e tirânica.

Nessa linha de pensamento Assis Brasil terá no século XX um autor que também relacionará a forma política a estilo de vida, como também a um tipo específico de produção. Esse autor é Oliveira Viana, em *Brasil meridional*, volume 2. Viana explica por que os gaúchos aceitam a democracia. Como Assis, ele parte de uma análise da natureza, da vida e do trabalho do gaúcho no Rio Grande do Sul, para afirmar que esse contato diário entre patrão e empregado, campeireando juntos, comendo um alimento farto e enobrecedor, a carne, e de fácil aquisição por todos, levou a um nivelamento das condições políticas e da fortuna<sup>26</sup>.

O trabalho na estância unifica a todos, e dessa forma impede o desenvolvimento de uma visão de classe; todos trabalham e passam pelas mesmas dificuldades: “o trabalha na estância reputa-se uma diversão, mas é um trabalho bárbaro no qual a existência periga a cada momento”<sup>27</sup>. Esse perigo forja uma valentia, faz o gaúcho pronto a lutar por causas nobres. O autor associa a natureza do trabalho do gaúcho à criação de um espírito cívico voltado ou inclinado à República. Nas páginas 29 e 30 do livro que analisamos aqui, são descritas as várias atividades de uma estância, no sentido de mostrar que essas atividades são mais do que trabalho, do que serviços feitos para alguém, mas uma forma de vida, um estilo singular que vais além do exercício rotineiro de uma atividade remunerada. O gaúcho, mais do que um trabalhador, é o representante de um tipo distinto que surgiu das interseções de três variáveis: clima, solo e a capacidade plástica da população original. Natureza e cultura se juntam na elaboração de um tipo vigoroso e sólido que por si só explica a revolução. Esta é a causa principal, e “ajunte-se ainda a tudo isto um sem-número de outras causas secundárias”<sup>28</sup>.

---

<sup>25</sup> Op. cit., p. 28.

<sup>26</sup> VIANA, Oliveira. *Brasil meridional*. São Paulo: Itatiaia, 1968. v. 2.

<sup>27</sup> ASSIS BRASIL, op. cit., p. 29.

<sup>28</sup> Op. cit., p. 33.

Assis Brasil recupera a Revolução Farroupilha, a partir de uma construção centrada no tipo humano gaúcho, mas faz essa construção por meio de uma visão na qual hábitos tornam-se qualidades morais, formas de atividades, escola de coragem, e o tipo de alimentação é o fermento necessário à formação de um homem republicano.

Nesse livro o autor não tem a preocupação de elaborar a figura do gaúcho para além de uma narrativa, que se pode dizer épica, cheia de adjetivos que tornam este ser humano próximo aos heróis gregos. Valorosos, fortes, sempre prontos lutar pela justiça, alimentando-se de carne de gado, eles se tornam a alma do sul-rio-grandense cidadão republicano, que, segundo Assis Brasil, fez a revolução e vai levar o Brasil à República.

